



Um lugar para que a fotografia possa agir

Por ALEXANDRE BELÉM e GEORGIA QUINTAS, Olhavê

Território virtual, quase um voo cego. Chão movediço, instável, sem paredes para se apoiar...

O espaço que o Olhavê (<http://www.olhave.com.br>) tem na web é um não-lugar. Um campo de apropriação, de reflexão e de canalização. Ainda não entendo muito bem a ambiguidade implícita a esse conceito de virtualidade. Tendemos a pensar que o papel é o esteio, o legado e a herança. O Olhavê não é livro, não é revista, é um espaço onde se transita ideias, histórias, memórias e pessoas.

Recorrentemente, quando estou prestes a fazer um post, me deparo com um quadro branco sem noção dos seus limites de recepção. Passei a vivenciar a fotografia pelo campo do não clicar. Diluiu-se. O tempo e o espaço inerentes ao meu cotidiano e ao meu ato fotográfico sofreram mutações. Comecei a perceber o território virtual como um exercício de aproximação e de entendimento que se chega a algum lugar não por quem faz, mas pelo conteúdo que se agrega pelos e aos outros.

O Olhavê faz uma transferência do que captamos de matérico da fotografia, só que

numa plataforma que se estabelece o diálogo e a discussão. Ter um post não significa existir. O processo que se inicia na pesquisa, ou numa ideia, desdobra-se com os interlocutores, colaboradores e leitores. Até travar essa relação, o conteúdo existe, mas sua força de informação é um território estéril. Igualmente, quando guardamos fotografias ou textos (o que seja de natureza da expressão criativa) na gaveta, os sentidos permanecem adormecidos.

Ter um post não significa existir. O processo que se inicia na pesquisa, ou numa ideia, desdobra-se com os interlocutores, colaboradores e leitores.

O Olhavê não segue normas ou mecanismos burocratizantes. Funciona muito mais como

campo de investigação, de como se pode discutir, rememorar, conhecer e vislumbrar a compreensão dos porquês da criação e da história fotográfica, suas aplicabilidades e motivações contemporâneas. O território virtual enquanto discurso habita a fotografia sem que seja preciso ter a imagem tecnicamente captada pelo aparelho fotográfico. A imagem (o fim), lá onde quer que esteja, não é única e tampouco se restringe ao enquadramento. A espacialidade se forma a cada dia, a cada notícia, entrevista, consideração, opinião ou relato. Passei a entender esse processo como uma rede de colaboradores que desencadeiam o que poderíamos chamar de uma ação fotográfica redimensionada. De tal maneira, o Olhavê advém de um dos vários caminhos que podemos adotar diante da imagem fotográfica e de suas implicações contemporâneas. Pesquisando a fotografia, cheguei a um lugar de hibridações que suscita o processo como instrumento de conhecimento. A minha estética é os outros. As palavras criam novas imagens das imagens. Metalinguagem caberia bem aqui. Pensando sobre tudo isso, lembrei de uma coisa. Não me recordo bem o dia, mas isso não importa. E aí entra Anderson Schneider (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=1974>) com um cartão postal e me disse:

– Lembra da imagem do cartão-postal? Pois então, o projeto tenta explorar o verso dele. É lá que estão todas as palavras de afeto e saudade escritas em letra apressada, os selos colados tortos e os carimbos apagados dos correios, enfim, as coisas que transformam um simples pedaço de papel pintado em um objeto quase vivo.

Bom, Anderson me trouxe a questão do postal. A imagem que viaja num pequeno pedaço de papel e que costuma chegar – concomitantemente, com as pessoas que enviaram (quando se trata de viagens de turismo) –, passou a perambular em mim. O verso que segue a fotografia do clichê de dada paisagem é também o pressuposto que

os territórios são incongruentes (a noção de verso e reverso). Na verdade, mais do que díspares são ontologicamente determinados pelo viés da transitoriedade efêmera. Explico-me melhor: a imagem da viagem pouco diz; seu símbolo é que lhe assegura o status, a descrição da prova. Em paralelo, a afirmação do “estive lá” há o senso de lembrança. Não seria muito dizer para Anderson que o blog me parecia caminhar para uma tentativa de acolher os fotógrafos em suas viagens – fossem físicas ou imaginárias. Me contive, achei prematuro explicitar tal pensamento.

a imagem da viagem
pouco diz; seu símbolo é
que lhe assegura o status,
a descrição da prova. Em
paralelo, a afirmação do
“estive lá” há o senso de
lembrança.

A partir de então, pedi um cartão postal a alguns colaboradores do Olhavê.

Prontamente, Rodrigo Braga (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=4016>) me responde:

– [Farei] uma tentativa de me identificar naquilo que está ao meu redor e, também, perceber como esse entorno reverbera em mim. Me proponho a uma radicalização da experiência de imersão sobre um tema ou situação. É uma amplificação de algo iniciado e que pede o desenrolar e o aprofundamento como uma poética em curso. É também uma potencialização de uma pesquisa sobre a linguagem fotográfica em dissolução de fronteiras com outras linguagens artísticas (como a performance e a Land Art) e uma abertura de ressignificações para a fotografia de paisagem.



Depois do postal de Anderson e da paisagem de Braga, lembrei-me de Pedro David (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=2242>).

Pedro está viajando...

Não sei como, mas ele conseguiu me enviar esta mensagem:

– Comprei um tanto de filme, e tenho lido bastante. Agora estou imerso nos “Sertões”, de Euclides da Cunha, que está me enchendo de imagens, e de vontade de ir logo... “Macunaíma” [de Mário de Andrade] também me deu muitos subterfúgios... Como em uma passagem que ele diz: “Não vim ao mundo para ser pedra”. Imagine...

Pedro está pelo sertão pernambucano: – Penso em “Homem Pedra” como mais um Road Movie... não vou exatamente me estabelecer em nenhum lugar. Vou viajar. Quero voltar a Arcoverde, Buíque e Pedra. Quero conhecer Serra Talhada, Salgueiro, Floresta... Gosto muito de mapa! A cada espera de jantar, traço novos planos e rotas... “Pensei que o desejo iria me orientar, porém muitas vezes ele se diluía na paisagem. E o que sobrava? A paisagem estupenda, esta que tanto acreditei por via da fotografia, diante de mim, se apresentava estéril”, disse Jonathas de Andrade (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=2910>). Essa frase, pincei do Olhavê. Assim como Pedro, Jonathas também está viajando:

– [É] uma viagem de reconhecimento de território e sentimento por seis países da América Latina. Através deste trânsito, montar uma coleção de objetos – fotografias e pedaços de vídeos – trazidos de alguma parte desses países, uma coleção de fato de outro tempo, um outro personagem que com suas motivações me presenteia com este tempo anterior a mim. Por via de seus desejos, tasteio este território com passos não meus. Esta jornada é tratada com a formalidade de um achado histórico e, com precisão arqueológica, acesso um tempo

suspenso, latino-americano, a que todos compartilamos e estamos submetidos, no limbo ou na vibração.

Todos, cada um com sua maneira, estão “suspensos” fazendo seus diários como pedi, para que, desse modo, todos possamos acompanhá-los. Por sua vez, João Castilho (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=3548>) pensa peculiarmente sobre a fotografia e os vetores que esta prática transborda quando posta como diálogo ou “no conflito com a paisagem”. Entender Castilho, foi primordial para ampliar o campo de visão sobre a extensão que o território virtual se fragmenta a cada apropriação e leitura.

Castilho veio me propor a pensar mais um pouco (com base em seus trabalhos) que pode ser “a fotografia um lugar híbrido, intermediário entre registro-documento e obra acabada. Por esse caminho não há muita abertura para o acontecimento, para a coisa achada, encontrada, o acaso, o momento decisivo. O mesmo acontece com a história no sentido da narrativa, nesse procedimento ela não aparece. São dois caminhos diferentes, mas que muitas vezes levam ao mesmo lugar”.

Com esta ideia acima, ainda envolto na turbulência de um território no qual não me sinto fixado, me foge totalmente a sensação de propriedade. E então Castilho, novamente, me propõe falando de suas intervenções em seus trabalhos:

– As intervenções têm um caráter efêmero e são realizadas para a câmera. É aí onde está a principal diferença. Elas não são feitas para continuarem no espaço nem para serem vistas no espaço. São feitas para serem fotografadas. Então acho que o que marca de maneira bem forte essa divisão entre registro e obra é a intencionalidade. Fim do raciocínio. Ponto.

Seguimos à deriva.

No decorrer desse texto, o que seria um objeto, se fez virtual. Esse cenário que construímos para colocar nossos postais foi sendo relacionado aos espaços que compõem uma fotografia. Esse cenário textual virou repertório para uma série: Processo de Criação (<http://www.olhave.com.br/blog/?cat=8>).

O parágrafo que você acabou de ler tem frases que não são minhas. Faltaram as aspas para a Cia de Foto (<http://www.olhave.com.br/blog/?p=3689>).

Bem, volto a pensar no que vem a ser a territorialidade virtual, motivo pelo qual nos esbarramos aqui. Talvez, seja perverso de minha parte, tentar elaborar um conceito ou teoria para algo tão sem limites. Para alguns, todas essas palavras formam um quadro discursivo incisivo. De uma pessoa que argumenta e organiza seu pensamento. E se lhe falo que o território virtual ocorre num lugar desconhecido, sem entornos sólidos, com margens vertiginosas? Nestas margens, flutuam incertezas; contudo, antagonicamente, residem também todas as possibilidades de se comunicar. As maneiras de agir é que criam repertórios de elos e trocas; ajudam assim a compor a delinear imagens fotográficas pelo processo de pensá-las.

E se lhe falo que o território virtual ocorre num lugar desconhecido, sem entornos sólidos, com margens vertiginosas? Nestas margens, flutuam incertezas; contudo, antagonicamente, residem também todas as possibilidades de se comunicar.

E se lhe digo que para pensar melhor, às vezes, recorremos a narrativas ficcionais? Porque achamos que a fotografia nunca se esgotará e que os territórios são pretextos. Nesses trabalhos, a fotografia é utilizada sendo especialmente trabalhada e não é empregada apenas como um vetor destinado a atualizar em um “non-site” um trabalho feito em um “site”. É utilizada como material da arte a ser esculpida, modelada, enfim, é utilizada como escritura.

O parágrafo que você acabou de ler tem frases que não são minhas. Faltaram as aspas para João Castilho, autor, também, do título deste post.